



Fernando Pessoa e o Distúrbio de Personalidades Múltiplas

Prof^ª Dr^ª Ermelinda Maria Araújo Ferreira
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Resumo:

A doença se insinuou na história familiar do poeta Fernando Pessoa com uma presença devastadora, exercendo um papel definitivo na construção de uma obra literária poderosa e inusitada. Sintomas do Transtorno Bipolar, já por diversas vezes relacionados pela pesquisa médica à manifestação da genialidade artística, foram particularmente constatados no caso pessoano pela crítica especializada. O próprio Pessoa chegou a realizar leituras na área buscando entender a dissociação de personalidade que o acometia. Afinal, o homem cedeu voluntariamente, e não sem sacrifício, seu lugar ao poeta, a fim de legar à humanidade o documento precioso de uma arte concebida em torno de Alberto Caeiro, um tuberculoso em estado terminal e mentor espiritual de três outros “doentes”, um deles “médico”; e António Mora, responsável pela fundamentação teórica dessa surpreendente criação, um psicótico internado no manicômio *Casa de Saúde de Cascais*.

Palavras-chave: Fernando Pessoa; Biografismo; Distúrbio de Personalidades Múltiplas; Neopaganismo português; Genialidade artística.

Abstract:

The illness crept devastatingly over Fernando Pessoa's family history, playing a defining role in the building of powerful and unprecedented literary work. Symptoms of Bipolar Disorder – mentioned several times by medical research as being related to the manifestation of artistic genius – were particularly noted in Pessoa by the critics. The author himself dived into readings in the field, yearning to understand the dissociation of personality that haunted him. Finally, the man gave his place to the poet voluntarily, but not pricelessly, so to bequeath to mankind the precious record of an art conceived around Alberto Caeiro, a man terminally diseased with tuberculosis, serving as a mentor to other three “diseased”, one of them being a “doctor”; and António Mora, in charge of the theoretical basis of this startling creation, a psychotic admitted to the mental institution *Casa de Saúde de Cascais*.

Keywords:

Fernando Pessoa; Biographism; Multiple Personality Disorder; Portuguese Neopaganism; Artistic genius.

Narrar o trauma: a questão do testemunho de catástrofes pessoais



Zelig, de Woody Allen

Sou, portanto, como vedes, aquela verdadeira distribuidora dos bens, aquela Loucura que os latinos chamam *Stultitia* e os gregos *Moria*. E se alguém tivesse a audácia de afirmar que sou Minerva ou a Sabedoria, teria eu necessidade de pintar-lhe minha alma por meus discursos? Não lhe bastaria olhar-me por um instante para convencer-se do contrário? Não pode haver em mim nem maquiagem nem dissimulação, e jamais se percebe em meu rosto as aparências de um sentimento que não esteja em meu coração. Enfim, sou em toda parte tão semelhante a mim mesma que ninguém poderia me ocultar, nem mesmo os que querem desempenhar o papel de sábios e que mais desejam ser tidos como tais. ... Em verdade, essa espécie de homens é muito ingrata comigo! Eles são os mais fiéis de meus súditos, no entanto têm tanta vergonha de usar meu nome em público que chegam até a reprová-lo nos outros como um sinal de desonra e infâmia. Mas esses loucos perfeitos, que querem ser considerados sábios, acaso não merecem ser chamados de *Morósofos*?

Erasmus, *Elogio da loucura*

The Ku Klux Klan, who saw Zelig as a Jew, that could turn himself into a Negro and an Indian, saw him as a triple threat.

Woody Allen

Órfão de pai na primeira infância e exilado de sua pátria aos sete anos; descendente de judeus portugueses historicamente convertidos ao cristianismo; educado em inglês numa rígida escola britânica fincada em meio à população e à cultura negras da África do Sul; hesitante quanto à opção sexual e afeito aos princípios de filosofias conflitantes, a biografia de Fernando Pessoa e a sua vida transcorrida em fins do século XIX e início do século XX nada deixam a dever à ideia do “homem-camaleão” imaginado por Woody Allen como

símbolo dos conflitos identitários do sujeito pós-moderno no mundo pós-colonial e globalizado do final do século XX. O humor que preside a criação pessoana de António Mora, um esquizofrênico internado na *Casa de Saúde de Cascais* e destinado a ser o mestre dos heterônimos – os múltiplos áleres de sua personalidade que escrevem, em seu lugar, a sua obra literária – supera em ameaça a qualquer Ku Klux Klan do mundo o próprio Leonard Zelig, protagonista do curto e genial filme escrito e dirigido por Woody Allen em 1983. E assim como Zelig representa um desafio à ciência médica de sua época, encontrando a cura apenas através do amor da Dra. Eudora Fletcher (Mia Farrow, na época esposa do diretor na vida real), também Pessoa representa um enigma para os *Morósofos* da contemporaneidade. Poderia, talvez, ter encontrado a “cura” nos braços da sua Ophelia, mas o fato é que prezava demasiado a familiaridade com a *Moria* ou a *Stultitia* para sucumbir à vulgar sanidade mental de um mundo que considerava insano.

O título da introdução deste trabalho remete ao artigo de Márcio Seligmann-Silva: “Narrar o trauma: a questão do testemunho de catástrofes históricas”, no qual o autor se propõe a realizar “uma reflexão sobre algumas das características do gesto testemunhal, enfatizando as aporias que o marcam”. Partindo da ideia de que o testemunho de certo modo só existe sob o signo de seu colapso e de sua impossibilidade, o texto enfatiza os dilemas nascidos da confluência entre a tarefa individual da narrativa do trauma e de sua componente coletiva. Nas catástrofes históricas, como nos genocídios ou nas perseguições violentas em massa de determinadas parcelas da população, a memória do trauma é sempre uma busca de compromisso entre o trabalho de memória individual e outro construído pela sociedade.

Nas catástrofes pessoais, porém, inexistente o componente da partilha coletiva da experiência traumática. Na ausência deste compromisso, a solidão e o silêncio se agravam. Os estudos propostos por uma recente linha de pesquisa interdisciplinar, a *Narrativa da Doença (Illness Narrative)*, vêm-se desenvolvendo no âmbito das investigações acadêmicas como uma tentativa de promover a aproximação das ciências humanas e das ciências da saúde, visando a uma repercussão social tanto na ampliação dos conceitos atualmente vigentes sobre a doença, como na humanização dos modos de abordagem científica dos sujeitos ditos “pacientes”. Nestes estudos, a noção de doença é ressignificada. A ameaça da doença passa a ser considerada, inclusive, um dos elementos constitutivos da saúde, pois, como diz Georges Canguilhem, “o que une o homem ao restante da criação não é uma linguagem comum, mas apenas a susceptibilidade à dor” (2010: 247).

Se a “crueldade é a pior coisa que fazemos”, segundo Richard Rorty, e a solidariedade “não é uma questão de partilhar uma verdade comum ou uma meta comum, mas *uma esperança egoísta comum*: a de que o mundo de cada um – as pequenas coisas ao redor das quais o sujeito teceu seu vocabulário final – não seja destruído”; então a saúde viria da capacidade de duvidar de si mesmo. “Duvidar de si mesmo” – diz Rorty – “me parece ser a marca característica da primeira era da história humana em que um grande número de pessoas tornou-se capaz de separar duas perguntas: ‘você deseja e acredita no que desejamos e acreditamos?’ e ‘você está sofrendo?’” (2007:326).

Ainda segundo Rorty, num mundo cada vez mais “desteologizado e desfilosofado”, são as descrições de variedades particulares da dor e da humilhação na literatura e nas artes que figuram como as “principais contribuições do intelectual moderno para o progresso moral”. “A dor não é lingüística: é aquilo que temos, nós, os seres humanos, que nos liga aos animais não usuários da linguagem”. Assim, as vítimas da crueldade, as pessoas que estão sofrendo, os seres não-humanos, “não têm grande coisa a oferecer em termos de linguagem”. Por isso, a tarefa de transformar sua situação em linguagem precisa ser

executada para elas por outros. “Os romancistas e os poetas”, diz Rorty, “são bons nisso. Os teólogos e os filósofos, geralmente não”. (2007: 166)

Seligmann-Silva destaca a impossibilidade humana do testemunho diante de uma situação de dor extrema: “o trauma é caracterizado por ser uma memória de um passado que não passa”; mostrando-se, portanto, como o “fato psicanalítico prototípico no que concerne à sua estrutura temporal”. Por isso, quando busca narrar o inenarrável, o sujeito sobrevivente é assaltado pela dúvida, e não tem mais certeza de que os fatos realmente aconteceram: ele perde a confiança na sua memória. Para o sobrevivente, portanto, “a ‘irrealidade’ da cena encriptada *desconstrói o próprio teor de realidade do restante do mundo*”(2008: 69). Esta observação de Seligmann-Silva nos é cara no que diz respeito à posição dominante que o discurso médico-científico assume na descrição do episódio traumático da doença. Impossibilitada, por seu extremo esquematismo, de traduzir a extensão do trauma que uma doença pode produzir num sujeito, a anamnese médica (como registro da memória do outro) – nos moldes em que ainda é preconizada pela academia – contribui muitas vezes para silenciar o sujeito sofredor.

Por outro lado, a narrativa da doença, quando voluntariamente levada a cabo no âmbito da arte, é desconsiderada como testemunho, valendo sobretudo, quando não exclusivamente, pelo seu caráter estético. Seligmann-Silva comenta que todo testemunho, por ser único e insubstituível, por anunciar algo excepcional, tende a singularizar a mensagem. “A conhecida literalidade da cena traumática – ou o achatamento de suas imagens – trava a simbolização, constituindo um sintoma da *ruptura com o simbólico*. Na tentativa de cobrir este *gap* com a simbolização, a testemunha se volta para o trabalho da imaginação”:

Esta passagem para o imaginário é desejável e pode ter um efeito terapêutico, mas para um certo discurso sobre o testemunho – sobretudo o jurídico, *mas não só* – a ficção contamina e dissolve o teor de verdade do testemunho. No discurso jurídico é onde este elemento paradoxalmente singular do testemunho (e das provas) é levado mais adiante, colocando o testemunho em um verdadeiro território de ninguém.(2008: 72)

A partir do formalismo, a crítica de arte passou a ignorar o biografismo, colaborando com a desautorização do valor testemunhal da linguagem artística – o que torna ainda mais difícil para o sujeito sofredor o acesso à catarse terapêutica pela expressão criativa do trauma. A catarse, quando ocorre, é solitária, carece de validação coletiva e institucional – tanto no âmbito do direito como no da medicina. A literatura, assim, também é vista como um “território de ninguém”, que nega ao próprio autor o reconhecimento social da veracidade de seu testemunho, sobretudo nos casos em que a obra se funda num “pacto autobiográfico” e organiza-se em torno da motivação de uma vivência traumática.

Os estudos recentes sobre a *Narrativa da Doença* talvez possam contribuir para uma revalorização pragmática do texto literário confessional, e para a validação social do componente verídico que subjaz a toda criação artística. O reinvestimento da arte como testemunho, ao defender para as obras uma nova função social, não implica no comprometimento de sua avaliação e de seu reconhecimento estético; apenas acrescenta ao estudo da mimese como invenção a possibilidade de se identificar e valorizar, quando pertinente, o referente de verdade das produções literárias. Não se trata de defender a justificação da obra pela vida – como temeram os críticos formalistas que enterraram o biografismo –, mas de não ignorar a vida em nome de uma justificação essencialista da obra de arte. Por ora, no entanto, o testemunho como híbrido de singularidade e de imaginação, como evento que oscila entre a literalidade traumática e a literatura imaginativa, continua a assombrar o direito, a medicina e a crítica literária.

1. Cascais na encruzilhada: a difícil decisão entre o Íbis e a Heteronímia

1.1. Cascais e a biblioteca: a esperança do fio de Ariadne no labirinto

É desse labirinto, não só digno, mas gêmeo do de Borges, que Pessoa é o Dédalo – o construtor, o poeta supremo, mas igualmente a vítima ritual e irredenta. O fio que o poderia guiar – se existe algum quando se é Pessoa –, aquele que leva nome de mulher, nunca existiu para ele e no *Livro do desassossego* no-lo confessa em páginas de incedível tristeza e aflição.

Eduardo Lourenço. *O Livro do desassossego* texto suicida?

O, what a noble mind is here o'erthrown!
The courtier's, soldier's, scholar's, eye, tongue, sword;
The expectancy and rose of the fair state,
The glass of fashion and the mould of form,
The observed of all observers, quite, quite down!
And I, of ladies most deject and wretched,
That suck'd the honey of his music vows,
Now see that noble and most sovereign reason,
Like sweet bells jangled, out of tune and harsh;
That unmatch'd form and feature of blown youth
Blasted with ecstasy: O, woe is me,
To have seen what I have seen, see what I see!¹¹

Ophelia, in: *Hamlet*, de Shakespeare (Ato III, Cena I)

Em 1955, Jorge Luis Borges foi nomeado diretor da Biblioteca Nacional da República Argentina, seu primeiro e único emprego oficial. A cegueira progressiva de que padecia não foi impedimento para a conquista do cargo, mas a ironia do destino não escapou à percepção do poeta, que a definiu no *Poema de los dones*: “Nadie rebaje a lágrima o reproche/Esta declaración de la maestría/De Dios, que con magnífica ironía/Me dio a la vez los libros y la noche.”¹² Estudiosos notaram que a moléstia de Borges, associada a sua experiência como bibliotecário, ajudou-o a criar novos símbolos literários através da imaginação. Seus livros mais famosos são coletâneas de histórias curtas, que

¹¹ Pessoa não terá sido insensível à coincidência que o nome Ophelia perpetraria na relação amorosa encetada com aquela mocinha que um dia lhe aparece no escritório Félix, Valladas e Freitas Ltda., onde trabalhava. A identificação com Hamlet não lhe pareceu má, e explorou-a efetivamente no episódio em que se declara conforme narra a própria Ophelia na entrevista “O Fernando e eu”, publicada no volume *Cartas de Amor de Fernando Pessoa* organizado por David Mourão-Ferreira.

¹² Ao longo de séculos, o misoneísmo foi alimentado pelo pavor do anátema. Aquele que exprimisse um pensamento novo e original deveria contar com proscricões e perseguições. Com a modernidade, já não há anátemas, nem mais se acendem fogueiras. No entanto, o velho medo do desconhecido ainda persegue o homem. Apesar da enormidade da biblioteca que o cerca – e que registra a longa história da sabedoria humana acumulada, muitas vezes ao preço de tantas vidas sacrificadas – o homem ainda se sente perdido no escuro de sua cegueira. Para Borges, entre o homem “antigo” e o “novo” não há diferença: estiveram, como ainda estão, sob a mesma sombra do Mistério. É disso que trata *O Poema de los dones*: “Al errar por las lentas galerias/Suelo sentir con vago horror sagrado/Que soy el otro, el muerto, que habrá dado/Los mismos pasos en los mismos días.//¿Cuál de los dos escribe este poema/De un yo plural y de una sola sombra?/¿Qué importa la palabra que me nombra/si es indiviso y uno el anatema?”.

mais se assemelham a textos críticos, interligadas por temas comuns nos quais se destacam o labirinto e a biblioteca, além de escritores e livros fictícios.

Em 1932, Fernando Pessoa pleiteou uma vaga como conservador-bibliotecário do Museu-Biblioteca Conde de Castro Guimarães, em Cascais. Era já o grande poeta de *Orpheu* e dos heterônimos, mas apresentava-se como “empregado do comércio”, profissão que constava no seu bilhete de identidade, de 1928. Apesar de todas as qualificações elencadas no seu requerimento, foi reprovado pelo júri, perdeu a esperança de reconstruir sua vida “comum” – aquela prometida a Ophelia pelo Íbis, pseudônimo de infância que escolheu para representar o homem apaixonado que assinava raras e “ridículas” cartas de amor –, e não sobreviveu a esta decepção mais do que três anos. A ironia do destino, em seu caso, não seria professada por Deus, mas pelos homens seus compatriotas, que deram fim ao seu velho e provavelmente último sonho: “o de se retirar para a Costa do Sol com a disponibilidade de se consagrar a sua obra”, como diz Teresa Rita Lopes no estudo “Pessoa excluído”, publicado no folheto *Fernando Pessoa: a biblioteca impossível*, pela Câmara Municipal de Cascais em 1995. Neste estudo, ela comenta que a opção de Pessoa pelo direito à “via menor da normalidade” dependia desesperadamente, aquela altura de sua vida, de sua aceitação para o emprego como bibliotecário:

Já agora e a propósito, refiro uma observação de Paulo Ferreira que nunca mais esqueci, no decorrer de uma conversa em que lhe pedi para recordar Pessoa. Falávamos de Ophelia, que ele conhecera bem, e do romance falhado, e ele reduziu todas as razões a uma só: *Pessoa não tinha tido dinheiro para se casar*. Percebe-se numa carta de 29/09/1929, que Ophelia andava zangada por ele não se explicar sobre o casamento, ao que ele responde que só o fará se conseguir organizar sua “vida de pensamento” – o que passava por se instalar em Cascais ou sítio semelhante. Tivesse o júri devidamente apreciado a candidatura de Pessoa ao lugar de conservador-bibliotecário e Pessoa teria provavelmente casado com Ophelia, e é possível que tivessem sido muito felizes, e é até provável não que tivessem tido muitos meninos, mas que Pessoa tivesse vivido mais anos e escrito mais livros...” (1995: 13).

Na referida carta, sem mencionar exatamente o seu projeto, Pessoa confessa a Ophelia as aspirações mais íntimas do Íbis: “O que lhe disse de ir para Cascais (Cascais quer dizer um ponto qualquer fora de Lisboa, mas perto, e pode querer dizer Sintra ou Caxias) é rigorosamente verdade: verdade, pelo menos, quanto à intenção. [...] Toda a minha vida futura depende de eu poder ou não fazer isto, e em breve.” E conclui com uma verdadeira confissão de amor, a sua maneira:

Gosto muito – mesmo muito – da Ophelinha. Aprecio muito – muitíssimo – a sua índole e o seu caráter. Se casar, não casarei senão consigo. Resta saber se o casamento, o lar (ou o que quer que lhe queiram chamar) são coisas que se coadunem com a minha vida de pensamento. Duvido. Por agora, e em breve, quero organizar essa vida de pensamento e de trabalho meu. Se a não conseguir organizar, claro está que nunca sequer pensarei em pensar em casar. Se a organizar em termos de ver que o casamento seria um estorvo, claro que não casarei. *Mas é provável que assim não seja*. O futuro – e é um futuro próximo – o dirá.

“Mas é provável que assim não seja”... A acanhada frase mostra que, em 1929, o Íbis ainda acalentava uma espécie de alvoroçada e inconfessa esperança no coração, a ponto de se arriscar a falar a sério, ao menos uma vez, com Ophelia, e de cuidar – ainda que pelos meandros paradoxais de seu raciocínio – para não destruir completamente as expectativas da moça com a possibilidade de uma vulgar e normalíssima vida a dois.

Porém “Cascais” sempre exerceu um papel ambíguo no imaginário pessoano. Foi em Cascais que, no outono de 1930, deu-se o encontro “sacrificial” do Íbis durante a visita de Aleister Crowley, o Mestre Thérion, já anunciado na última carta que escreverá à namorada em 09/10/1929, na qual um “Fernando” aparentemente alcoolizado prevê a futura morte ritualística do namorado de Ophelia na *Boca do Inferno* – um buraco nos rochedos perto de Cascais, onde, segundo os guias, “o oceano se precipita rugindo” –; não por acaso o mesmo local onde se dará o estranho e suposto desaparecimento do mago inglês, testemunhado exclusivamente por Pessoa. Diz “Fernando” na carta:

Bebé fera: peço desculpinha de a arrelhar. Partiu-se a corda do automóvel velho que trago na cabeça, e o meu juízo, que já não existia, fez tr-tr-r-r-r ... Gosta de mim por mim ser mim ou por não? Ou não gosta mesmo sem mim nem não? Ou então? Todas estas frases, e maneiras de não dizer nada, são sinais de que o ex-Íbis, o Íbis sem concerto nem gostosamente alheio, vai para o Telhal, ou para Rilhafoles, e lhe é feita uma grande manifestação à magnífica ausência. Preciso cada vez mais de ir para Cascais – Boca do Inferno *mas com dentes*, cabeça para baixo, e fim, e pronto, e não há mais Íbis nenhum. E assim é que era para esse animal ave esfregar a fisionomia esquisita no chão. Mas se o Bebé desse um beijinho, o Íbis agüentava a vida um pouco mais. Dá? – Lá está a corda partida –r-r-r-r-r-r-r-r-r a valer

Embora assinada por “Fernando”, percebe-se pelo tom – inconfundível quando comparado a outras missivas assinadas (ou não) pelo “Engenheiro” – que a autoria desta carta é de Álvaro de Campos, o terceiro elemento do triângulo Íbis-Ophelia-Heteronímia que se forma, com o conhecimento e o consentimento dos três envolvidos, nesta correspondência absolutamente *sui-generis*. A *Boca do Inferno* representaria um vértice num cenário real, onde se defrontariam dois dos mais fortes lados da figura geométrica em que se partia a personalidade pessoana, poliedro de múltiplas faces. Naquele encontro crucial dar-se-ia o “assassinato” da face mais frágil, a do homem comum, cujo tom “normal” é agressivamente parodiado pelo “Campos-Fernando”. O homem que, nas cartas à Ophelia – e apesar do devastador *bullying* sofrido internamente – consegue espaço para confessar suas íntimas ambições burguesas, “fúteis, cotidianas e tributáveis”: arranjar um emprego, casar-se e organizar sua vida de pensamento e de trabalho. Ambições que apontavam para um desejo salutar de reintegração de sua personalidade fraturada, o que parecia vir sendo laboriosamente posto em prática pelo homem comum, num tremendo e solitário esforço pessoal de auto-hipnose¹³ – evidentemente bem sucedida, se considerarmos que, até aquela data, Pessoa já anunciara a sua “libertação” de duas

¹³ Vinha de longe o investimento do poeta na investigação de seu “mal”. Constam de sua biblioteca e de suas fichas de leitura os compêndios que consultou sobre o problema, de Freud a Lombroso; além da minuciosa descrição de seu “caso”, feita numa famosa carta (10/06/1919), não se sabe se jamais enviada – e escrita ainda na primeira fase do namoro com Ophelia – a dois psiquiatras franceses, Drs. Hector e Henri Durville – este último professor da *Escola Prática de Magnetismo e Massagem*, redator do *Jornal de Magnetismo* e autor de 45 livros e opúsculos sobre terapêutica magnética. Nesta carta, Pessoa define com clareza o seu problema, afirmando ser, “do ponto de vista psiquiátrico, um “histero-neurastênico, com predominância do elemento neurastênico”. Afirma ainda manter sob controle o elemento histérico, conseguindo quase sempre evitar que a sua emotividade se expanda exteriormente: “Meu humor é exteriormente igual: estou quase sempre calmo e alegre diante dos outros. Entanto como tal, e porque está ela sob controle, minha emotividade não me causa mal: amo-a mesmo muito porque ela me é útil para a vida literária que levo ao lado de minha vida prática. Cultivo mesmo, com um cuidado um pouco decedente, essas emoções tão vivas quanto sutis de que é feita minha vida interior. Nada quero aí mudar. O mal não está aí”. Solicita, portanto, instruções sobre como fazer para “desenvolver minha vontade de ação, sem que minha emoção ou minha inteligência tenham de se queixar”, pois considera que seu maior padecimento é a “abulia”. (*Obras em prosa*, 1986: 58-59. Grifos nossos).

personalidades: Caeiro, “morto” (com raras e inócuas reincidências); e Reis, “exilado”. Mas ambos suficientemente “enfraquecidos” no ringue, e postos sob o controle de Pessoa.

Restava a última e poderosa figura: a do pederasta e criminoso Campos, que tinha a posse do segredo do trauma de infância de Pessoa. A segunda etapa do namoro com Ophelia viria a testemunhar um verdadeiro jogo de Titãs, com depoimentos cada vez mais assustadores do heterônimo, e uma franca mudança no tom da correspondência, que passa da infantilidade da primeira fase, quando o inofensivo Íbis fala carinhosamente à Bebé, para as claras sugestões de perversão, quando o virulento Campos fala agressivamente à “Vespa”, à “Fera”: à Ariadne que, por amor ao Íbis, vislumbra com impressionante clareza a disputa que se trava em seu espírito, rejeitando – verbalmente – a personalidade invasora, e acenando a Pessoa – às vezes angustiadamente – com uma luz no fim do túnel.¹⁴

“*Preciso cada vez mais de ir para Cascais*” – ridiculariza Campos na carta fingidamente assinada por “Fernando”, num arremedo maldoso do mote do rival, comparando-o a uma máquina, a um suporte, a um veículo (de si?): *automóvel* velho, cuja corda deve arrebentar sem conserto antes que se concretize a ameaça que paira sobre a continuidade do transbordamento heteronímico enquanto fenômeno “doentio”. Campos parece temer pela própria “sobrevivência”, caso o Íbis, auxiliado pelo fio de sua Ariadne-Ophelia, consiga afinal sair do labirinto do Minotauro (a Heteronímia), reduzindo os heterônimos a meros “textos” dominados (a sua “obra”), e não a personalidades ativas e dominantes no sujeito. A participação de Ophelia no processo de cura de Pessoa raramente ou nunca é apontada pela crítica.¹⁵ Mas o fato de ela haver embarcado, ingênua ou instintivamente, no jogo das personalidades, aceitando a “diferença” de Campos, reconhecendo-o franca e destemidamente a cada vez que ele se manifestava, repudiando expressamente a sua influência e deixando clara a sua preferência pela personalidade original parecia ser um caminho terapêutico eficaz – se nove anos de intervalo não se houvessem interposto entre os Íbis e os “mestres que não consentem nem perdoam”¹⁶.

¹⁴ É patente o desespero de Ophelia nas suas últimas cartas para roubar Pessoa à influência malévola do “Engenheiro” – como o chamava em tom pejorativo. Em 15/08/1930 dizia: “Ó Nininho deixe é o quarto da Rua da Prata, alugue uma casinha qualquer, meta lá dentro meia dúzia de tarcos vamos uma manhã cedo a S. Domingos e depois leve-me para dentro dessa casa qualquer onde viverei muito contente porque dentro dela também está o meu Nininho, que desse dia em diante então é que será meu para sempre.” Na mesma carta, Ophelia afirma estar “verdadeiramente furiosa” por ter sido deixada à espera de Pessoa em mais um encontro frustrado, e conclui: “Isto naturalmente foram obras do Sr. Engº. *Afinal quando é que esse senhor me favorece com a sua partida?*”; demonstrando estar em franca batalha para exorcizar o “outro”.

¹⁵ David Mourão-Ferreira chega a identificar, em seu estudo das cartas de amor, a existência de um “triângulo amoroso”, onde a pederastia de Campos e a ingênua feminilidade de Ophelia pareciam seduzir sexualmente o sujeito dividido. No entanto, é preciso lembrar que tanto o homossexual (Campos) quanto o heterossexual (Íbis) coexistem em Pessoa como “fantasmas”. A atração por Campos levaria Pessoa a uma consagração sacrificial à genialidade, com uma obra capaz de se impor tanto pela sua qualidade estética quanto pela sua peculiaridade “sanatorial”: estranha, doentia, inacabada; enquanto o canto de cisne do(s?) Íbis o levaria, talvez, à “cura”: com sua volta ao mundo dos homens singulares (não-dissociativos) e à possibilidade de uma existência comum.

¹⁶ O namoro com Ophelia teve duas fases: a primeira, de 01 de março a 19 de novembro de 1920 e a segunda, de 11 de setembro de 1929 a 11 de janeiro de 1930. Na carta que põe fim à primeira fase do namoro, de 19/11/1920, Pessoa diz: “O meu destino pertence a outra Lei, de cuja existência a Ophelinha nem sabe, e está subordinado cada vez mais à obediência a Mestres que não consentem nem perdoam. Não é necessário que compreenda isto. Basta que me conserve com carinho na sua lembrança, como eu, inalteravelmente, a conservarei na minha”. Nesta carta, também se recusa a devolver as cartas de Ophelia: “Eu preferia não lhe devolver nada, e conservar as suas cartinhas como memória viva de um passado morto, como todos os passados: como alguma coisa de comovedor numa vida, como a minha, em que o progresso nos anos é par do progresso na infelicidade e na desilusão.” É curioso como Álvaro de Campos interfere neste relacionamento desde o início. Já na carta de 15/10/1920, a penúltima desta primeira fase, Pessoa escreve: “Tenciono ir para uma casa de saúde para o mês que vem, para ver se encontro ali um certo tratamento que me permita resistir à

Nestes nove anos, o Íbis destruiu dois deles, mas o terceiro se fortaleceu desmesuradamente, e já irreversivelmente, no espírito de Pessoa.

É impossível não atentar para o tom ameaçador desta carta, menos dirigida a Ophelia do que ao Íbis – embora na “mente” de Campos, “Íbis” pareça ser uma entidade dupla e andrógina, daí a frequente referência a Ophelia pela mesma alcunha (“O Íbis da Íbis” ou “Meu Íbis chamado Ophelia”). Trata-se, quase, de uma carta-confissão, onde se lê claramente a crueldade da intenção que atravessa o discurso do heterônimo disfarçado: atacar, violentamente, a sanidade do(s?) Íbis, enviando-o(s?) seja para um manicômio (Telhal ou Rilhafoles), seja para a morte (a *Boca do Inferno com dentes*, e de cabeça para baixo, para o(s?) afogar).

É preciso lembrar ainda que, de todos os heterônimos, o mais claramente perturbado é Álvaro de Campos, aquele cuja obra evidencia com flagrante propriedade os sintomas da “histero-neurastenia” (Psicose Maníaco Depressiva ou, mais recentemente, Transtorno Bipolar), com duas fases bem definidas entre a hipomania (manifesta nas *Odes*) e a depressão (manifesta nos poemas autobiográficos)¹⁷, e que, ao contrário do próprio Fernando Pessoa – como relata em carta aos psiquiatras franceses (ver nota 3) –, é incapaz de manter sua histeria sob controle. Também é preocupante a inclinação psicopata¹⁸ que se insinua nos relatos das *Odes*¹⁹, e o pendor suicida pesadamente condensado nos poemas da segunda fase²⁰.

onda negra que me está caindo sobre o espírito. Não sei o resultado do tratamento – isto é, não antevejo bem qual possa ser. ... *Afinal, o que foi? Trocaram-me pelo Álvaro de Campos!*”. Em 1923, no poema *Lisbon revisited*, Campos dá voz à sua vitória momentânea, confessando sua aversão aos sonhos do Íbis: “Não me macem, por amor de Deus!/Queriam-me casado, fútil, cotidiano e tributável!/Queriam-me o contrário disto, o contrário de qualquer coisa!/Se eu fosse outra pessoa, fazia-lhes, a todos, a vontade./Assim como sou, tenham paciência!/Vão para o diabo sem mim,/Ou deixem-me ir sozinho para o diabo!/Para que havemos de ir juntos?!Não me peguem no braço./Não gosto que me peguem no braço. Quero ser sozinho./Já disse que sou sozinho!/Ah, que maçada quererem que eu seja da companhia!” (*Obra poética*, 1986: 291).

¹⁷ Os estudos médicos abrem novas perspectivas para a compreensão do fenômeno heteronímico, revelando, sobretudo, a profundidade do que ainda se desconhece nas áreas da psiquiatria e da psicopatologia, dada a discrepância que se observa nas leituras desses profissionais. As análises vão desde o precursor estudo de Mário Saraiva, que em *O caso clínico de Fernando Pessoa* (1990) aniquila a importância da obra artística do poeta, reduzindo-a à qualidade de mero quadro clínico de evidências sintomatológicas, e diagnosticando o sujeito que nela se imprime como portador de uma “Esquizofrenia mista, do tipo hebefrênico” – no que difere de outras pesquisas mais recentes, como a de Othon Bastos e Suzana A. de Albuquerque, *Estudo patográfico de Fernando Pessoa* (2009), apenas em termos do diagnóstico proposto para o poeta, no caso identificado como portador de um “Transtorno Bipolar do Humor tipo II” –; até estudos como o de José Martinho, que em *Pessoa e a psicanálise* (2001) confere uma importância decisiva à obra de arte pessoana, mesmo sob a suposição de sua gênese patológica, no que diz respeito tanto ao seu valor estético, quanto a um provável efeito terapêutico – e não apenas ao reconhecimento de seu eventual valor diagnóstico.

¹⁸ A psicopatia é um distúrbio mental grave caracterizado por um desvio de caráter no qual sobressai a ausência de emoções genuínas. Frieza, insensibilidade, egocentrismo, intolerância à rotina e à monotonia são características deste distúrbio, onde a falta de sentimento de responsabilidade para com o outro e a inflexibilidade ao infligir castigos e punições são muitas vezes disfarçadas sob uma aparência amável e sedutora. A psicopatia parece estar relacionada a algumas importantes disfunções cerebrais. Exames como a ressonância magnética revelam indícios de alterações cerebrais que se manifestam por um absoluto domínio da razão sobre as emoções (na definição de Pessoa: “O que em mim sente está pensando”). O transtorno parece estar associado a três principais fatores: disfunções cerebrais/biológicas ou traumas neurológicos, predisposição genética e traumas sociopsicológicos na infância. Os psicopatas de grau leve não preenchem todos os critérios do DSM do transtorno de personalidade antissocial e são considerados “psicopatas comunitários”. Já os de grau moderado a grave satisfazem todos esses critérios e apresentam alta tendência ao crime.

¹⁹ É curioso como Fernando Pessoa desde muito cedo revelou interesse por este assunto, conforme se constatana relação das obras da R.P.A. – Realistic Press Association – que ele teria lido ou que “pretenderia ler oureler com mais proveito”, como elenca em seu *Diário* (inédito) de 1906, comentado por Teresa Sobral

Contrariando os diagnósticos médicos já elaborados sobre o sujeito Pessoa, sempre insuficientes e divergentes, e arriscando uma hipótese ainda tida como fantasiosa, o conteúdo dessa correspondência “amorosa” poderia ser lido como um documento sintomatológico extremamente expressivo de uma patologia psiquiátrica ainda não formalmente reconhecida, embora mencionada nos Manuais de Diagnóstico: o DPM ou Distúrbio de Personalidade Múltipla.²¹ E as cartas de amor entre Pessoa e Ophelia forneceriam um atestado pungente da corajosa intervenção desta mulher que o amou num processo que terá posto, talvez, a sua própria vida em risco.

Numa das últimas cartas de Ophelia a Pessoa, de 07/12/1930, três meses depois do provável “expurgo” ritualístico do Íbis na *Boca do Inferno* – amparado ou não pela ainda inexplicável e incomprovável presença do “mago Crowley” (num episódio que talvez tenha sido forjado por Álvaro de Campos do princípio ao fim, numa demonstração ostensiva de sua crescente e perigosa capacidade mistificadora e manipuladora da própria realidade,

Cunha(Colóquio Letras, n. 95, Jan-Fev. 1987, p. 87): *L’homme criminel e L’homme de génie*, de Lombroso; *La femme criminelle et la prostituée*, de Lombroso e Ferrero; *Le crime politique et les révolutions*, de Lombroso e Laschi; e *Degénérescence*, de Max Nordeau. O Álvaro de Campos das *Odes* parece ter sido concebido à luz da literatura policial que tanto fascinou o jovem Pessoa, com alusões frequentes aos tipos sanguinários de Edgar Allan Poe, mas acrescidas de uma perversidade de cunho sexual que transcendia muito a natureza desses tipos. Veja-se como Campos aspira ao espírito da “pirataria” em *Ode Marítima*: “Ah! ser tudo nos crimes! Ser todos os elementos componentes/dos assaltos aos barcos e das chacinas e das violações! ... A carne rasgada, a carne aberta e estripada, o sangue correndo!/Agora, no auge conciso de sonhar o que vós fazíeis,/Perco-me todo de mim, já não vos pertença, sou vós./A minha feminilidade que me acompanha é ser as vossas almas!/Estar por dentro de toda a vossa ferocidade, quando a praticáveis!/Sugar por dentro a vossa consciência das vossas sensações/Quando tingíeis de sangue os mares altos,/Quando de vez em quando atiráveis aos tubarões/Os corpos vivos ainda dos feridos, a carne rosada das crianças/E leváveis as mães às amuradas para verem o que lhes acontecia!” (*Obra poética*, 1986:260).

²⁰ Data deste período uma poesia de cunho confessional e memorialista, na qual as lembranças de Campos se confundem com as da infância de Pessoa, insistentemente evocadas. A melancolia se instaura, a nostalgia torna-se um tema frequente ao lado da descrição de situações humilhantes e vexatórias, e de um sentimento profundo de cansaço e desistência, contrabalançado, ocasionalmente, por uma reação: “Arre, vou existir!”. É deste período uma anti-Ode, a *Ode marcial*, onde o grito de guerra “Helahela-ho!” da *Ode Marítima* perde toda a altura, e já não há mares, apenas um “inúmero rio pavorosamente sem água!”. É um poema sobre a culpa, uma funda e terrível culpa assim definida: “Sim, fui eu o culpado de tudo, fui eu o soldado de todos eles/Que matou, violou, queimou e quebrou./Fui eu e a minha vergonha e o meu remorso como uma sombra disforme/Passeiam por todo o mundo como Ashavero,/Mas atrás dos meus passos soam passos do tamanho do infinito./E um pavor físico de encontrar Deus faz-me fechar os olhos de repente./[...] Arranquei o pobre brinquedo das mãos da criança e bati-lhe./Os seus olhos assustados do meu filho que talvez terei e que matarão também/Pediram-me sem saber como toda a piedade por todos./Do quarto da velha arranquei o retrato do filho e rasguei-o./Ela, cheia de medo, chorou e não fez nada [...]Senti de repente que ela era minha mãe e pela espinha abaixo passou-me o sopro de Deus.” Percebe-se, no Campos neurastênico, o inverso da incapacidade empática do Campos histérico e psicopata da primeira fase. A compaixão é flagrante: ele se põe no lugar dos que sofrem de uma maneira igualmente excessiva. Em depressão, Campos absorve a dor alheia como um Cristo: “Cristo absurdo da expiação de todos os crimes e de todas as violências./A minha cruz está dentro de mim, hirta, a escaldar, a quebrar/e tudo dói na minha alma extensa como um Universo.” (*Obra poética*, 1986: 350).

²¹ O DPM, Distúrbio de Personalidade Múltipla, é um dos mais velhos assuntos na psiquiatria e também um dos mais novos. No fim do século XIX, tornou-se um dos primeiros processos mentais patológicos a ser estudado cientificamente, e a pesquisa influenciou profundamente as origens da psiquiatria moderna. Mas o interesse diminuiu nas gerações seguintes. A compreensão moderna da esquizofrenia foi elaborada e veio a incluir muitos casos que, em outros tempos, provavelmente teriam sido diagnosticados como distúrbios dissociativos. Nos últimos vinte anos, o interesse pelo assunto tem sido reanimado devido à crescente preocupação com relação ao abuso de menores e a outras formas de *stress* traumático, que são duas grandes causas da DPM. A exótica condição permanece, contudo, tão fascinante e embaraçosa hoje como era há um século.

envolvendo agora um “público” bem maior)²² – percebe-se que os encontros amorosos haviam cessado por completo (“Está *quase* a fazer *quatro meses* que não dou nem apanho um jinho. Uma tortura”), e que ela não desejava encarar uma realidade que já se impunha: a do desaparecimento irreversível do Íbis.²³ Mas ainda insiste. Confessa que esteve “a rezar a S. José pelo meu amor”; confessa que “pediu um milagre ao santo”, mas deixa escapar a sua desconfiança quando diz: “Não há de o Nininho seguir a doutrina de Crowley, que horror!”.

O mais grave, porém, e na verdade o gravíssimo testemunho da percepção – quase sempre instintiva – de Ophelia sobre a mudança que se operou em Pessoa desde aquele setembro de 1930 vem no impressionante e até então inusitado fechamento que dá a esta carta: “Adeus *minha boneca* – porque o Nininho *também é menina*”. Estaria Ophelia cedendo, em seu desespero, ao apelo sedutor do vitorioso “Engenheiro”, com quem agora passava a falar com alguma frequência ao telefone? Se a hipótese do Distúrbio de Personalidade Múltipla fosse confirmada, esta situação se configuraria potencialmente arriscada para ela, uma vez que a sobrevivência no mundo de um dos Íbis constituiria, sempre, uma ameaça à reintegração de Pessoa, e portanto à fantasmagórica, conquanto poderosa existência de Álvaro de Campos.

A “vitória” definitiva de Campos, porém, não pode ser comprovada, se admitirmos que, em 1932, um renitente Pessoa ainda buscava a “via menor da normalidade” ao apresentar a sua candidatura ao cargo de conservador-bibliotecário do Museu-Biblioteca Conde de Castro Guimarães. Mas esta terá sido, talvez, a sua última e desesperada cartada. A falência em mais este empreendimento no mundo “concreto” terá significado, para ele – que já se sentia dominado pelo pânico de perder definitivamente as rédeas dos heterônimos, agora subsumidos à devastadora presença do “Engenheiro” – também o fim de qualquer esperança de “cura”. Um eventual receio do perigo que ele passaria a representar para os que o cercavam – *com base no caráter estritamente especulativo deste ensaio* – o teria

²² Apesar da coincidência das datas, uma possível relação entre o reatamento do namoro de Pessoa e Ophelia e o famoso episódio da visita de Aleister Crowley a Portugal não foi apontada pela crítica. Grande relevância costuma ser dada, no entanto, a essa nebulosa história, pois, “numa vida tão pobre de acontecimentos exteriores, o encontro com Crowley é autêntica dádiva para os biógrafos”, como confessa um deles, Bréchon (1998: 448). De certa forma, o “episódio Crowley” atende à hipótese da megalomania da personalidade Álvaro de Campos, em luta para vencer a personalidade Íbis, fortalecida quando do reatamento do namoro com Ophelia. A fantasia criada em torno da mirabolante história do mago desaparecido, e partilhada, para deleite do “fantasma” Campos, pela sociedade “sã”, terá operado o golpe de misericórdia na existência do Íbis em Pessoa, e nas suas derradeiras aspirações a uma vida “normal”.

²³ Das doze cartas datadas, escritas por Pessoa na segunda fase do namoro, apenas duas trazem a assinatura “Íbis”. As demais são identificadas como de autoria de “Fernando”, exceto uma, escrita por “Álvaro de Campos, eng. naval”. A primeira carta do Íbis, que se dirige à “Bebé”, tem acrescido ao apelido a explicação: “nome de uma ave do Egito, que é essa mesma”, e confessa: “Estou doído, e não posso escrever uma carta: sei apenas escrever asneiras.” A segunda e última (11/01/1930), também dirigida à “Bebé”, começa dizendo: “*Obtida a devida autorização do snr. Eng. Álvaro de Campos, mando-lhe um poema*”. O texto chama-se “Poema Pial” e parece um verdadeiro insulto à inteligência de Ophelia, por mais que se esforce por ver, nele, apenas uma brincadeira de namorados. É quase agressivo, vindo de quem se sabe, e portanto gera a suspeita de que tenha sido obra do próprio Campos, em mais um de seus ataques à moça. A suspeita advém da reincidência no motivo da “pia”, utilizado na carta escrita de próprio punho pelo heterônimo (em 25/09/1929) e dirigida à “Exma. Senhora D. Ophelia Queiroz”, na qual se refere a Pessoa – para absoluta indignação de Ophelia – em termos pejorativos: “Como íntimo e sincero amigo que sou do meliante de cuja comunicação (com sacrifício) me encarrego, aconselho V.Ex^a a pegar na imagem mental que acaso tenha formado do indivíduo cuja citação está estragando este papel razoavelmente branco, e deitar essa imagem mental *na pia*, por ser materialmente impossível dar esse justo Destino à entidade figuradamente humana a quem ele competiria, se houvesse justiça no mundo”.

conduzido, talvez, a uma intensificação de seu isolamento e à radical ruptura do relacionamento com Ophelia.

A luta continuaria até o fim: com Álvaro de Campos assumindo a voz absoluta do texto pessoano (é dele a maioria dos últimos escritos do poeta, inclusive o poema “Todas as cartas de amor são ridículas”, que data de 21 de outubro de 1935, um mês antes de sua morte²⁴); e com Fernando Pessoa afogando-o deliberadamente, e a si, no consumo do álcool – não obstante o que hoje possam dizer os médicos em contrário²⁵ –; o que viria, afinal, a pôr um misericordioso limite em tão avassalador sofrimento, do qual talvez seja, também, um testemunho confessional a sua imensa e poderosa obra literária.

1.2. Cascais e o sanatório: o sacrifício da pessoa a Pessoa

Nós realizamos, modernamente, o sentido preciso daquela frase de Voltaire, onde diz que, se os mundos são habitados, a terra é o manicômio do Universo. Somos, com efeito, um manicômio, quer sejam ou não habitados os outros planetas. Vivemos uma vida que já perdeu de todo a noção de normalidade, e onde a higidez vive por uma concessão da doença. Vivemos em doença crônica, em anemia febricitante. O nosso destino é o de não morrer por nos termos adaptado ao estado de perpétuos moribundos.

António Mora

O Distúrbio de Personalidade Múltipla não consiste em um defeito, mas em uma habilidade. É uma estratégia criativa e eficiente para a preservação da integridade do organismo em face de um trauma crônico que de outra forma seria catastrófico.

Colin A. Ross²⁶

²⁴ Se o relacionamento com Ophelia não tivesse passado de uma brincadeira inconsequente, como muitas vezes parece sugerir o tom de suas cartas de amor, não seria à memória deste relacionamento que Pessoa dedicaria o seu (provavelmente) último poema: “Todas as cartas de amor são/ Ridículas./Não seriam cartas de amor se não fossem/Ridículas.” ... O poema vai da redenção: “Mas, afinal,/Só as criaturas que nunca escreveram/Cartas de amor/É que são/Ridículas.” à condenação: “A verdade é que hoje/As minhas memórias/Dessas cartas de amor/É que são/Ridículas.”. As memórias de quem? Provavelmente as de Álvaro de Campos, que não conseguiu impedir o Íbis de guardar a memória de Ophelia no escaninho de seu coração, e de esconder as suas cartinhas nunca devolvidas num canto de sua preciosa arca, legando à posteridade esse indiscutível comprovante de sua flagrante e sofrida humanidade.

²⁵ Segundo Robert Bréchon, dois eminentes médicos portugueses apresentaram teses alternativas à hipótese de que Fernando Pessoa teria sucumbido a uma cirrose hepática decorrente do alcoolismo. “Por muito que tenha custado ao brio da família e depois ao amor-próprio nacional”, diz ele, “esse diagnóstico nunca foi seriamente contestado nos últimos sessenta anos” (1998:530). Em *O hábito de beber no contexto existencial e poético de Fernando Pessoa*, porém, o Dr. Francisco Manuel da Fonseca Ferreira defende que a vida do criador não foi gravemente perturbada pelo álcool, e que a sua morte provavelmente resultou de um acidente clínico sem relação com o alcoolismo: uma pancreatite aguda, talvez devida a uma litíase da vesícula biliar não diagnosticada. Já o Dr. Irineu Cruz afirma que o poeta teria sido vítima de contaminação pelo vírus da hepatite B ou C durante sua infância passada na África do Sul. O vírus teria permanecido em estado latente durante mais de trinta anos, vindo a se manifestar agudamente em 1935, provocando a morte do poeta.

²⁶ O Distúrbio de Personalidade Múltipla é uma entidade nosológica fundamentalmente paradoxal. Colin A. Ross (1997: 62), em seu livro *Dissociative Identity Disorder (DID)*, define o “paradoxo central do DPM”: “*DID is not literally real. It is not possible to have more than one person in the same body. People with DID do not have more than one personality. However, DID is a real disorder that can be treated to stable integration. Untreated, DID often results in high levels of utilization of psychiatric services without significant improvement. [...] Debates about whether or not DID is real are meaningless. The reality of the disorder is that it is both real and not real at the same time. People who say they don't believe in DID fail to grasp the central paradox of the disorder: the reality of DID exists at a metalevel that encompasses the central paradox. Not believing in DID is like not believing in hallucinations. All psychiatrists 'believe in'*

Falamos até aqui – sempre especulativamente – sobre a luta pela supremacia de uma personalidade na cindida alma pessoana. Focalizamos a angústia e às vezes o desespero do Íbis, que numa imprevista e inusitada parceria amorosa com a sua cara-metade Ophelia, fincada no “mundo real e decadente da modernidade”, superou a abulia, a neurose da dúvida, e conseguiu por alguns períodos investir-se de coragem para bancar um enfrentamento interior com seu poderoso áter Álvaro de Campos. A “doença” poética do mestre Caeiro fornece um atestado desta oscilação de forças, presente na mudança operada na passagem dos poemas de *O guardador de rebanhos* aos de *O pastor amoroso*:

O meu olhar é nítido como um girassol.
 Tenho o costume de andar pelas estradas
 Olhando para a direita e para a esquerda,
 E de vez em quando olhando para trás...
 E o que vejo a cada momento
 É aquilo que nunca antes eu tinha visto,
 E eu sei dar por isso muito bem...
 Sei ter o pasmo essencial
 Que tem uma criança se, ao nascer,
 Reparasse que nascera deveras...
 Sinto-me nascido a cada momento
 Para a eterna novidade do Mundo.

(Alberto Caeiro. *O guardador de rebanhos*)

O amor é uma companhia.
 Já não sei andar só pelos caminhos,
 Porque já não posso andar só.
 Um pensamento visível faz-me andar mais depressa
 E ver menos, e ao mesmo tempo gostar bem de ir vendo tudo.
 Mesmo a ausência dela é uma coisa que está comigo.
 E eu gosto tanto dela que não sei como a desejar.
 Se a não vejo, imagino-a e sou forte como as árvores altas.
 Mas se a vejo tremo, não sei o que é feito do que sinto na ausência dela.
 Todo eu sou qualquer força que me abandona.
Toda a realidade olha para mim como um girassol com a cara dela no meio.

(Alberto Caeiro. *O pastor amoroso*)

O quase sarcasmo que se percebe na reinterpretação da solene teoria neopaganista cuidadosamente urdida pela Heteronímia como base da obra pessoana ameaça fazer ruir o edifício literário projetado para o Super-Camões. De repente, durante uma “doença” – que se caracteriza pela confissão de uma paixão por uma mulher –, o mestre começa a “variar”: já “não sabe andar só pelos caminhos” – justo ele, que tinha a essência do *flâneur*, do

hallucinations and delusions, grasp the fact that hallucinations and delusions are not real, and understand that they are real psychiatric symptoms.” Uma tal lógica aparece no diálogo de Fernando Pessoa com Alberto Caeiro, posto nas “Notas para a recordação de meu Mestre Caeiro”, de autoria de Álvaro de Campos: “O Fernando Pessoa voltou-se para Caeiro: ‘Diga-me v. uma coisa’: como é que v. considera um sonho? Um sonho é real ou não?’ ‘Considero um sonho como considero uma sombra’ – respondeu Caeiro inesperadamente, com a sua prontidão divina. ‘Uma sombra é real mas é menos real que uma pedra. Um sonho é real – senão não era sonho – mas é menos real que uma coisa. Ser real é ser assim.’” (2007: 122).

andarilho solitário da modernidade; e começa a “ver menos” (embora não “pior”). Aquele que via “nítido como um girassol” é acometido por alucinações: passa de sujeito do olhar a objeto de contemplação. Do miolo claustrofóbico do girassol de sua poesia, abre-se uma janela, e uma mulher-realidade o espreita, curiosa. Ancorado a esse olhar que lhe confere substância e que o identifica entre as sombras, o mestre sente em si um estranho rearranjo de forças: a que se altiva como as árvores ante a presença, e mesmo ante a ausência da amada; e a que se encolhe ante a sua influência solar e é exorcizada. Novos e heréticos sentidos, além da visão, são então despertos:

Agora que sinto amor
Tenho interesse nos perfumes.
Nunca antes me interessou que uma flor tivesse cheiro.
Agora sinto o perfume das flores como se visse uma coisa nova.
Sei bem que elas cheiravam, como sei que existia.
São coisas que se sabem por fora.
Mas agora sei com a respiração da parte de trás da cabeça.
Hoje as flores sabem-me bem num paladar que se cheira.
Hoje às vezes acordo e cheiro antes de ver.

(Alberto Caeiro. *O pastor amoroso*)

Por mais intensa que tenha sido a experiência amorosa do Íbis, a ponto de causar revoluções na superfície da poesia caeiriana, não o foi, como se sabe, suficiente para sufocar em Pessoa a “via da genialidade”. E a via da genialidade tinha nome e sobrenome: Álvaro de Campos. Em “Notas para a recordação do meu Mestre Caeiro”, Campos encarrega-se de explicar o episódio, atribuindo a ele, inclusive, a razão da morte do mestre. Difícil é não reconhecer nas entrelinhas do tom reverente e até carinhoso que tenta atribuir a essas notas, uma espécie de raiva contida, patente na agressividade com que veladamente recrimina a incapacidade de Caeiro para o aprendizado da poética cuja mestria lhe é atribuída! Difícil não reconhecer o habitual tom de arrogância, mal disfarçado num suposto enternecimento do “Engenheiro”, quando fala do mestre:

Começando como uma espécie de S. Francisco de Assis sem fé, foi-se arrastando lentamente, aos rasgões nos obstáculos, através da brenha do que tinha aprendido – felizmente muito pouco. Finalmente apareceu nu. Foi a culminância de *O guardador de rebanhos* nos poemas de *O pastor amoroso*. Esses poemas anômalos são já a invasão da verdade pela morte. *Há alguns em que a visão como se perturba*. O homem nu está experimentando a mortalha. Mas, por fim, e vendo a obra em conjunto, ela é o nu substantivo, porque o fato o cobria mal e *o que a mortalha cobre é nada*. (Álvaro de Campos, excertos, in: *Obras de António Mora*, 2002: 118).

Se isto é um elogio, deve-o ser à moda paradoxal de Pessoa. Porque “o que a mortalha cobre” é justamente a insubordinação do pastor amoroso ante a teoria do guardador de rebanhos. Ao escrever o pastor amoroso, portanto, Caeiro terá decretado o seu fim. Foi o seu epitáfio. A “cura” só seria possível mediante o seu desaparecimento. Por isso, à guisa de conclusão a *O pastor amoroso*, o mestre, enfim “curado”, escreve talvez o seu último poema, onde relata o desencanto com a sua paixão, e afirma o desejo de retornar ao ponto inicial de sua poesia. Em seu discurso, porém, não há mais a mesma convicção nem a mesma naturalidade de antes. Apesar disso, e como quem escreve sob a coação de um outro, diz haver reencontrado a “liberdade” perdida – enquanto o que parece realmente confessar é a sua tristeza, a sua decepção e a sua “dor”:

O pastor amoroso perdeu o cajado,
 E as ovelhas tresmalharam-se pela encosta,
 E, de tanto pensar, nem tocou a flauta que trouxe para tocar.
 Ninguém lhe apareceu ou desapareceu... Nunca mais encontrou o cajado.
 Outros, praguejando contra ele, recolheram-lhe as ovelhas.
Ninguém o tinha amado, afinal.
 Quando se ergueu da encosta e da verdade falsa, viu tudo:
 Os grandes vales cheios dos mesmos vários verdes de sempre,
 As grandes montanhas longe, mais reais que qualquer sentimento,
 A realidade toda, com o céu e o ar e os campos que existem,
 E sentiu que de novo o ar lhe abria, *mas com dor*, uma liberdade no peito.

(Alberto Caeiro. *O pastor amoroso*)

Morto Caeiro, eliminada a influência desviante que se tornava ameaçadora ao projeto heteronímico, sente-se livre o “Engenheiro” Campos para dar continuidade à hercúlea tarefa de erguer a obra pessoana. Mas não sem antes afirmar, cautelosamente, para a posteridade, o seu álibi na data do passamento do mestre:

Nunca vi triste o meu mestre Caeiro. Não sei se estava triste quando morreu, ou nos dias antes. Seria possível sabê-lo, mas a verdade é que nunca ousei perguntar aos que assistiram a morte qualquer coisa da morte ou de como ele a teve. Em todo caso, foi uma das angústias da minha vida que Caeiro morresse sem eu estar ao pé dele. Eu estava em Inglaterra. O próprio Ricardo Reis não estava em Lisboa; estava de volta ao Brasil. Estava o Fernando Pessoa, mas é como se não estivesse. O Fernando Pessoa sente as coisas mas não se mexe, nem mesmo por dentro. (Álvaro de Campos, excertos, in: *Obras de António Mora*, 2002: 117).

Sintomática a sugestão da ausência dos heterônimos no momento da morte do mestre. Pessoa (Íbis?) teria sido deixado sozinho com o seu aliado. Apesar de afirmar lamentar tão fundamente a morte de Caeiro, Campos evita falar com Pessoa a respeito. Aliás, ele raramente fala *com* Pessoa, mas quando fala *dele*, é sempre com ironia e insistente denegação. Ainda nas notas, ao historicizar o modo como a heteronímia se definiu pelos sucessivos contatos intelectuais dos heterônimos com o mestre, refere-se a Pessoa:

Mais curioso é o caso do Fernando Pessoa, *que não existe, propriamente falando*. Este conheceu Caeiro um pouco antes de mim – em 8 de março de 1914, segundo me disse. Nesse mês, Caeiro viera a Lisboa passar uma semana e foi então que o Fernando o conheceu. Ouviu ler *O guardador de rebanhos*. Foi para casa com febre e escreveu, num só lance ou traço, a *Chuva Oblíqua*. O Fernando Pessoa era incapaz de arrancar aqueles extraordinários poemas do seu mundo interior se não tivesse conhecido Caeiro. Mas, momentos depois de conhecer Caeiro, sofreu o abalo espiritual que produziu esses poemas, [...] *teve sem demora a reação à Grande Vacina – a vacina contra a estupidez dos inteligentes*. [...] Fernando Pessoa fez nesses poemas a verdadeira fotografia da própria alma. *Num momento, num único momento, conseguiu ter a sua individualidade que não tivera antes nem poderá tornar a ter, porque não a tem*. (Álvaro de Campos, excertos, in: *Obras de António Mora*, 2002: 120).

A reação “momentânea” à vacina implica a suposição de que Pessoa não usufruiu permanentemente de seus efeitos? Será por isso que Campos jamais reconheceu

efetivamente a genialidade de Pessoa como artista? Caeiro vacina os heterônimos contra a “estupidez dos inteligentes”. Inocula-lhes, portanto, o vírus atenuado da “sabedoria dos estúpidos”? Dos loucos lúcidos? Provavelmente; a considerar ainda esta impressionante afirmação de Campos:

O meu mestre Caeiro era um mestre de toda a gente com capacidade para ter mestre. Não havia pessoa que se acercasse de Caeiro, que falasse com ele, que tivesse a oportunidade física de conviver como seu espírito, que não viesse outro d’essa única Roma de onde se não voltava como ia – a não ser que essa pessoa o não fosse, isto é, a não ser que essa pessoa fosse como a maioria, *incapaz de ser individual a não ser por ser, no espaço, um corpo separado de outros corpos e estragado simbolicamente pela forma humana*. (Álvaro de Campos, excertos, in: *Obras de António Mora*, 2002: 118).

Campos sempre cobrou de Pessoa (Íbis?) essa capacidade de ser singular, de ser algo além de um “cadáver adiado que procria”. O Neopaganismo despreza a capacidade do homem vulgar de se imiscuir democraticamente na multidão anônima da modernidade. Para fazer frente à contaminação decadentista do Cristianismo, ele reúne à sua volta (ou à volta de Caeiro) uma pequena aristocracia neopagã, composta “principalmente de três pessoas”: ele mesmo, Ricardo Reis e António Mora. Ao contrário do que professam os manuais de literatura, portanto, Fernando Pessoa *não entra na cotêrie concebida por Campos*, que o considerava um homem “inferior” – “um corpo separado de outros corpos e simbolicamente estragado pela forma humana”:

Nenhum homem inferior pode ter um mestre, porque o mestre não tem nele nada de que o ser. É por esta razão que os temperamentos definidos e fortes são facilmente hipnotizáveis, que os homens normais o são com relativa facilidade, mas não são hipnotizáveis os idiotas, os imbecis, os fracos e os incoerentes. (Álvaro de Campos, excertos, in: *Obras de António Mora*, 2002: 118).

A Heteronímia, portanto, apresenta-se como encenação poética dos princípios ideológicos do Neopaganismo português: “a religião da era científica”, na qual os profetas *não são* temperamentos definidos e fortes, portadores da “estupidez da inteligência” de seu tempo – e, portanto, facilmente “hipnotizáveis” pelas teorias insanas da modernidade; mas loucos inacessíveis, degenerados e simultaneamente vacinados contra a degenerescência que constituía a grande doença de sua geração. Fernando Pessoa realizou, na juventude, uma profunda pesquisa sobre a degenerescência, estudando compêndios de psiquiatria e fazendo anotações a respeito deste mal que se julgava atávico²⁷. Em fins do século XIX e princípio do século XX, tuberculose e loucura eram apenas faces da mesma moeda da

²⁷ “As referências a psicólogos, neurologistas, fisiologistas e médicos franceses, não obstante o caráter não sistemático e minimalista dos apontamentos de Pessoa, esclarecem vários aspectos da sua percepção das doenças de fim de século. Mas é sobretudo a obra de Charles Féré (*La famille névropathique*) que abre uma perspectiva ampla e consistente sobre os interesses e as preocupações do poeta. Nesta obra, Féré apresenta uma explicação das raízes hereditárias da doença mental que terá orientado o poeta nas suas lucubrações sobre a sua própria identidade. Jerônimo Pizarro (2007: 68) salientou a preocupação profunda de Pessoa em relação às doenças mentais manifestadas pelos seus antepassados, em particular por sua avó Dionísia, que morreu aos 83 anos de ‘demência senil’. No vocabulário psicológico da época, esse tipo de demência pertencia a uma única categoria de doenças mentais e fisiológicas, a par da epilepsia, do alcoolismo, da depressão, da abulia, do *délire des négations* e de outras ilusões e fobias. O nome dado a essa patologia, que abrange sintomas que para o leitor do século XXI são claramente distintos, é *degenerescência*. É uma noção fundamental para o estudo do pensamento europeu de finais do século XIX, tão importante no campo da psicologia como a teoria da evolução na biologia, sendo a teoria da degenerescência, com efeito, um corolário da teoria da seleção natural darwiniana”. Kenneth Krabbenhoft (2011: 45).

degeneração física e espiritual da espécie humana, para onde convergiam todas as moléstias decorrentes dos efeitos devastadores do cristismo que a Heteronímia condenava, seja na poesia do mestre Caeiro, seja na filosofia do mestre Mora, que em “O regresso dos deuses – introdução geral ao Neopaganismo português” afirma:

A emergência demasiado fácil das personalidades secundárias; a excessiva estimulação da revelação, por cada indivíduo, da sua individualidade específica que, salvo quando é grande, nada interessa a ninguém que se revele; a adoção de um código de sociabilidade pelo qual o que vale em cada indivíduo é o que tem de diferente dos outros, e não o que tem de comum com eles – fenômenos são estes que caracterizam bem a doença extrema da época. Certas causas, que contribuíram para este agravamento do já mórbido estado psíquico criado pelo cristismo, antes se intensificarão no futuro. A enorme concorrência comercial, a complicação de internacionalismos, a crescente necessitação de corpos de operários especialistas, que desenvolvem um orgulho higidamente compatível com a sua posição nas sociedades, e que, por serem operários, vão suscitar esse orgulho doentio em outros, de mais baixos misteres – tudo isso contribui para que se mantenha, íntegra e indesfeita, a decadência, já normal, da época. [...] Conseguimos esse desiderato de alienado – a normalização da anormalidade. Obtivemos, com isso, a vantagem de tornar a vida mais agitada interessante a um bom número de pessoas que, em uma sociedade bem ordenada, não existiriam, propriamente falando, individualmente. Mas essa vantagem individual, e por isso transitória, pagamo-la com a fixação paralela da incapacidade de criar, com a normalização, conexa, da impotência das grandes ideias, a inapetência para grandes fins. Nós realizamos, modernamente, o sentido preciso daquela frase de Voltaire, onde diz que, se os mundos são habitados, a Terra é o manicômio do Universo. (António Mora, in: *Obras de António Mora*, 2002: 214-215)

A alusão a um *locus* comum, na história da vida de Fernando Pessoa, entre as duas margens ou vias – a da “normalidade” dos homens modernos e a da “genialidade” dos neopagãos atemporais – que o poeta identifica como “Cascais”, resume o enredo da Heteronímia. Cascais é o sítio onde a esperança de redenção do homem comum, falhada na Biblioteca, dará lugar à realidade virtual do Super-Homem na Casa de Saúde, lugar para onde deveria convergir a criação pessoana movida pelos princípios do Neopaganismo (uma espécie de Pós-humanismo, na concepção atual) teoricamente orquestrado pelo esquizofrênico António Mora na constituição de uma irônica e amarga, conquanto friamente concebida filosofia “sanatorial”. Em suas “Notas para a recordação do meu Mestre Caeiro”, Campos legitima a competência *morosófica* deste heterônimo para a síntese das ideias caeirianas:

António Mora, sim. Esse realmente, recebendo de Caeiro a mensagem na sua totalidade, se esforçou por traduzi-la em filosofia, esclarecendo, recompondo, reajustando, aqui e ali. Não sei se a filosofia de Mora será o que seria a de Caeiro, se o meu mestre a tivesse. Mas aceito que seria a filosofia de Caeiro, se ele a tivesse e não fosse poeta, para a não poder ter. Assim como da semente se evolve a planta, e a planta não é a semente magnificada, mas uma coisa inteiramente diferente em aspecto, assim do germen contido na totalidade da poesia de Caeiro saiu naturalmente o corpo diferente e complexo que constitui a filosofia de Mora. (Álvaro de Campos, excertos, in: *Obras de António Mora*, 2002: 132).

A Heteronímia não seria a profunda e radical somatização de uma ideia no corpo de um sujeito? A ideia da despersonalização, racionalmente concebida e mantida sob o controle do sujeito desejoso de se multiplicar para comprovar a sua Teoria paradoxal, não

teria levado o sujeito real à manifestação de uma doença real? Os heterônimos de Pessoa, sem deixar de ser criações racionais e geniais de um artista, não seriam, pela própria natureza desta criação, manifestações igualmente doentias e destruidoras do equilíbrio da pessoa que as comportava? Que fita de Moebius! Não teriam convivido em Pessoa um real DPM e uma real obra-prima sobre a Personalidade Múltipla como a verdadeira natureza da Pessoa, e não uma natureza fantástica, destinada à ilusão de uma reintegração?

Referências bibliográficas

BASTOS, Othon e ALBUQUERQUE, Suzana Azoubel de. Estudo patográfico de Fernando Pessoa, in: *Revista Neurobiologia*, 73 (2), Recife, abril/junho de 2010.

BORGES, Jorge Luis. *Obras completas*. São Paulo: Globo, 2000.

BRÉCHON, Robert. *Estranho estrangeiro: uma biografia de Fernando Pessoa*. Tradução de Maria Abreu e Pedro Tamen. Rio de Janeiro: Record, 1998.

CANGUILHEM, Georges. *O normal e o patológico*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

CHARON, Rita. *Narrative Medicine. Honoring the stories of illness*. New York: Oxford University Press, 2006.

COHEN, Barry M.; LYNN W., Esther Giller (Eds.). *Multiple Personality Disorder from the inside out*. Lutherville: The Sidran Press, 1991.

FRANK, Arthur W. *The wounded storyteller. Body, illness and ethics*. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1997.

GRANT, Vernon W. *Great abnormals. The pathological genius of Kafka, Van Gogh, Strindberg and Poe*. New York: Hawthorn Books, 1968.

HACKING, Ian. *Múltiplas personalidades e as ciências da memória*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.

JAMISON, Kay Redfield. *Touched with fire. Manic-depressive illness and the artistic temperament*. New York: Free Press Paperback, 1996.

KRABBENHOFT, Kenneth. *Fernando Pessoa e as doenças do Fim de Século*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2011.

KRISTEVA, Julia. *Sol negro. Depressão e melancolia*. São Paulo: Rocco, 1985.

LOPES, Teresa Rita. Pessoa excluído, in: *Fernando Pessoa – a biblioteca impossível*. Cascais: Câmara Municipal, 1995.

LOURENÇO, Eduardo. O Livro do desassossego texto suicida?, in: *Fernando Pessoa, rei da nossa Baviera*. Lisboa: Gradiva, 2008.

MARTINHO, José. *Pessoa e a psicanálise*. Coimbra: Almedina, 2001.

MOISÉS, Leyla-Perrone. Introdução ao desassossego, in: PESSOA, Fernando. *Livro do desassossego* por Bernardo Soares. Seleção e introdução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Brasiliense, 1986.

_____. *Fernando Pessoa: alguém do eu, além do outro*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

NEGRO Jr., Paulo Jacomo; PALLADINO-NEGRO, Paula; LOUZÃ, Mário Rodrigues. Dissociação e transtornos dissociativos: modelos teóricos, in: *Revista Brasileira de Psiquiatria*, vol. 21, n. 4, São Paulo, dezembro de 1999.

NOGUEIRA, Manuela e AZEVEDO, Maria da Conceição (orgs.). *Cartas de amor de Ofélia a Fernando Pessoa*. Lisboa: Assírio e Alvim, 1996.

PESSOA, Fernando. *Cartas de amor de Fernando Pessoa*. Organização e notas de David Mourão-Ferreira. Lisboa: Ática, 1978.

_____. *Obra poética*. Seleção, organização e notas de Maria Aliete Galhoz. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986.

_____. *Obras em prosa*. Organização, introdução e notas de Cleonice Berardinelli. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986.

_____. *O livro do desassossego*. Composto por Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa. Organização de Richard Zenith. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

_____. *Obras de António Mora*. Edição e estudo de Luís Filipe B. Teixeira. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2002.

PIZARRO, Jerônimo. *Fernando Pessoa: entre gênio e loucura*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2007.

PUTNAM, Frank W. *Diagnosis and treatment of Multiple Personality Disorder*. New York: The Guilford Press, 1989.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. São Paulo: Editora da Unicamp, 2007.

RORTY, Richard. *Contingência, ironia e solidariedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ROSS, Colin A. *Dissociative Identity Disorder: diagnosis, clinical features and treatment of Multiple Personality*. New York: John Wiley & Sons, Inc., 1997.

SARAIVA, Mário. *O caso clínico de Fernando Pessoa*. Lisboa: Universitária Editora, s/d.

SCLIAR, Moacyr. *Saturno nos trópicos: a melancolia européia chega ao Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org.). *História, memória e literatura: o testemunho na era das catástrofes*. São Paulo: Editora da Unicamp, 2003.

_____. “Narrar o trauma: a questão do testemunho de catástrofes históricas”, in: *Revista Psicologia Clínica*, vol. 20, n. 1. Rio de Janeiro, 2008.

SONTAG, Susan. *Doença como metáfora*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

TEIXEIRA, Luís Filipe B. *Fernando Pessoa e a filosofia sanatorial*. De *A montanha mágica* (T. Mann) para “Na Casa de Saude de Cascaes” (ou vice-versa), passando por... Caxias. Lisboa: Nova Vega, 2009.